

**Leibniz sobre o *Elucidarius Cabalisticus* de Wachter: Uma edição crítica da (chamada)
'Refutação de Spinoza'²²⁰**

Philip Beeley

Trad. Manoel Heleno da Cruz e William de Siqueira Piauí²²¹

Leibniz-Forschungsstelle, Munster

Quando o editor e tradutor responsável pela edição alemã do *Dicionário Histórico e Crítico*²²² de Bayle²²³, Johann Christoph Gottsched (1700-1766), sugeriu a Johann Georg Wachter (1673-1757) que ele fizesse uma explanação das suas opiniões sobre Spinoza para inclusão em um artigo epônimo, ele ficou entusiasmado e agradecido pela oportunidade²²⁴. Wachter era um professor universitário mal sucedido em Duisburg, onde havia conseguido emprego na biblioteca municipal daquela cidade; Gottsched, por sua vez, adotara Leipzig como cidade onde moraria até o final da sua vida. Wachter tinha boas razões para fazer tal explanação. Não somente porque o seu *Elucidarius cabalisticus* (1706)²²⁵ havia sido ferozmente atacado na *Respublica litteraria*, tendo sido considerado como o trabalho de um novo cabalista, cujo intuito

²²⁰ Nota dos tradutores, doravante (NT). A presente tradução, autorizada pelo próprio autor, foi feita a partir de BEELEY, Philip. *Leibniz Review*, v. 12, dezembro de 2002, p. i-viii. O texto pode ser encontrado em <https://philpapers.org/rec/BEELOW>. Informamos aos leitores que em parceria com o prof. Dr. Emanuel Fragoso (UECE) e a tradutora Martha Aratana estamos finalizando a tradução da *Réfutation inédite de Spinoza par Leibniz*, para a qual faremos a apresentação e a partir da qual consideraremos as opiniões de Beeley aqui defendidas; a tradução está praticamente finalizada e deve ser publicada no presente ano.

²²¹ CRUZ, M. H., é formado em Letras, especialista em Programação e Ensino de Língua e Literatura Inglesa pela Universidade de Pernambuco – UPE e História da Arte pela Universidade UNYLEYA, também é coordenador e professor substituto do curso de Licenciatura em Letras do CESVASF, [desde 2012], onde leciona as disciplinas Literatura Inglesa, Teoria da Literatura, Língua Inglesa e Semântica e Pragmática (heleno.cruz@hotmail.com). PIAUÍ, W. S., doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo e atualmente professor do Programa de Pós Graduação em Filosofia e do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (piauiusp@gmail.com).

²²² *Herr Peter Baylen's Historisches und Critisches Worterbuch*, traduzido e editado por J. C. Gottsched, 4 partes, Leipzig 1741-1744; reimpressão Hildesheim e Nova Iorque 1974-1978.

²²³ A obra *Dicionário histórico e crítico* foi escrita pelo francês Pierre Bayle (1647-1706), foi lida e comentada por Leibniz a pedido de Sofia Carlota (1668-1705), em sua pequena corte na casa real da Prússia; é em grande medida a recuperação daqueles comentários e críticas que compõem a *Teodiceia* que na sua versão e francês foi publicada em 1710 (NT).

²²⁴ *Ibidem*, IV, p. 271-272.

²²⁵ J. G. Wachter, *Elucidarius cabalisticus, sive recondita e Hebraeorum philosophiae brevis et succincta recensio*, [Halle], 1706; reimpressão (com *De primordiis Christianae religionis* e outros escritos) com introdução de Winfried Schroder, Stuttgart-Bad, Cannstatt 1995.

seria o de defender e propagar o ateísmo e outros supostos artificios maléficis da filosofia de Spinoza, mas também porque nesse livro aparece como tendo adotado uma posição filosófica oposta àquela que havia defendido alguns anos antes. O seu *Der Spinozismus Im Jüdenthumb*²²⁶, que havia sido publicado em 1699, quando residiu por um ano em Amsterdã, texto que teria sido dirigido contra um certo Moses Germanus, defensor ferrenho da fé cristã, opositor da filosofia de Spinoza e combatente das ameaças que esse pensamento representava na compreensão dogmática de Deus e dos deveres humanos baseados unicamente em um conhecimento racional, em particular, o seu panteísmo de fundamento²²⁷. Com efeito, enquanto Wachter tinha utilizado a demonstração das raízes cabalísticas e das consequências éticas prejudiciais acarretadas pela filosofia de Spinoza, para mostrar que o cristianismo e o judaísmo são fundamentalmente religiões irreconciliáveis, utilizou-se, então, da primeira parte dessa demonstração como base para apresentar a teoria contida na *Ética* [de Spinoza] como uma teologia filosófica defensável.

Leibniz foi uma das primeiras testemunhas dessa reviravolta ocorrida no início de 1701. Como era próximo de Wachter, que a essa altura ainda procurava construir a sua carreira universitária com a ajuda do ministro prussiano Paul von Fuchs (1640-1704), o filósofo hanoveriano²²⁸ evidentemente debateu com ele, em Berlim, o tema Spinoza e a Cabala. Durante essa discussão tornou-se evidente para Leibniz, como ele observa na carta a Daniel Ernst Jablonski (1660-1741), que o autor do livro sobre Moses Germanus tinha assimilado muitas das ideias fantasiosas do homem que ele tinha anteriormente procurado refutar²²⁹. O fato de ele se referir a tais ideias como “fantasiosas” (*Grillen*) indica claramente a sua posição sobre o tema. Todavia, Leibniz continuava a interessar-se pelo progresso do pensamento de Wachter, escrevendo extensos comentários, não apenas às suas demonstrações matemáticas da lei da natureza, como em *Origines juris naturalis* (1704)²³⁰, mas também à sua tentativa de esclarecer a relação entre Spinoza e a Cabala no *Elucidarius cabalisticus*.

²²⁶ J. G. Wachter, *Der Spinozismus Im Jüdenthumb, oder die von dem heutigen Jüdenthumb und dessen Geheimen Kabbala Vergotterte Welt. An Mose Germano sonsten Johann Peter Speeth von Augsburg gebürtig Befunden und Widerlegt*, Amsterdam 1699; reimpresso com introdução de Winfried Schroder, Stuttgart Bad Cannstatt 1994.

²²⁷ Cf. H. Holzhey (ed.), *Grundriß der Geschichte der Philosophie; Die Philosophie des 17. Jahrhunderts*, Bd. 4, Basel 2001, p. 892; A. P. Coudert, *Leibniz und die Kabbalah*, Dordrecht, Boston, etc., 1995, pp. 75-76.

²²⁸ Adjetivo utilizado por Beeley para indicar a cidadania de Leibniz; relativo a quem é natural da cidade de Hanôver, Alemanha (NT).

²²⁹ Carta de Leibniz a Jablonski, março de 1701 (?), *Leibnitz' Deutsche Schriften*, Hrsg. G. E. Guhrauer, 2 Bände, Berlim 1838-1840, II, p. 176.

²³⁰ J. G. Wachter, *Origines juris naturalis, sive de jure naturae humanae demonstrationes mathematicae*, Berlim 1704. Uma transcrição das notas de Leibniz pode ser encontrada em G. Grua *Textes inédits*, Paris 1948, p. 667-680.

A sugestão de Leibniz de que Wachter poderia ter sido influenciado pelo homem que ele tentava derrotar [, ou seja, Spinoza,] é sobretudo uma referência às circunstâncias nas quais *Der Spinozismus Im Jüdenthumb* surgiu. Durante o tempo que residiu em Amsterdã, Wachter adquiriu um vasto conhecimento tanto do misticismo judeu quanto da filosofia de Spinoza. Mas igualmente decisivo, se não mais, para a escrita deste livro, foi um debate travado naquela cidade entre ele e Johann Peter Spaeth (1645-1701)²³¹. Católico de nascimento, Spaeth havia procurado refúgio na espiritualidade em vários movimentos protestantes, incluindo o dos Quakers²³², antes de se converter ao judaísmo, época em que adotou o nome Moses Germanus [, Moisés Alemão]. Desde então, e até a sua morte, Spaeth permaneceu fiel à fé judaica, apesar dos vários esforços do teólogo Philipp Jakob Spener (1635-1705), de Wittenberg, para trazê-lo de volta ao protestantismo. Apesar dos ataques de Wachter a Spinoza e à Cabala, àquela altura, eram dirigidos principalmente contra Spaeth, há [no entanto] poucas evidências que sugerem que o antigo católico estava realmente inclinado para uma outra fé²³³. Pelo contrário, ele rejeitou explicitamente os escritos adulterados da Cabala, principalmente a versão da tradição cristã iniciada por Johannes Reuchlin (1455-1522) e Pico della Mirandola (1463-1494), que haviam chegado às mãos de autores alemães seus contemporâneos. Assim, numa carta a Franciscus Mercurius van Helmont (1614-1698) fica evidente que Spaeth se distanciara claramente dos textos contidos no *Kabbala denudata* (1677-1684), publicado por Knorr von Rosenroth (1636-1689), obra que ele caracterizou como tendo maior teor de origem pagã que judaica²³⁴.

Essa distinção também foi pontuada por Leibniz²³⁵, mas, ao contrário de Spaeth, ele acreditava que nos escritos cabalísticos transmitidos havia, pelo menos, vestígios dos antigos ensinamentos da tradição hebraica²³⁶. Haja vista que não mantinha qualquer contato com aquele que se autodenominava Moses Germanus [ou seja, Spaeth], Leibniz aceita a narrativa da imagem que Wachter teceu dele como um homem que ousara abusar da Cabala, assim como

²³¹ Carta de Leibniz a Müller, 11 de Dezembro, 1699, A I, 17.475.

²³² Famoso movimento religioso e político de origem inglesa que surgiu no século XVII. Tinha por base a religião cristã e a *Bíblia*; pregava a simplicidade, o pacifismo e ações beneficentes; acreditavam que o homem pode se conectar com Deus sem intermediações, uma crítica à Igreja e suas ostentações (NT).

²³³ W. Schroder, Einleitung zu J. G. Wachter, *Der Spinozismus Im Jüdenthumb*, pp. 15-16.

²³⁴ Carta de Spaeth a van Helmont, 1696, citado em W. Schroder, introdução a J. G. Wachter, *Der Spinozismus Im Jüdenthumb*, p. 15 (nota 30).

²³⁵ Ver por exemplo *De numeris characteristicis ad linguam universal em constituendam*, A VI, 4, 264: “unde nata est Cabbala quae dam vulgaris a vera longe remota”.

²³⁶ Carta de Leibniz a Müller, 11 de setembro, 1699, A I, 17, 475.

Spinoza supostamente havia feito anteriormente²³⁷. Ao mesmo tempo, ele elogia constantemente Knorr von Rosenroth por sua coleção de textos [, principalmente traduções,] relativa ao assunto e, em particular, pelos seus esforços para reduzir a Cabala a uma espécie de sistema doutrinário²³⁸. Reconhecidamente, isso pode, em parte, ser explicado pela longa amizade entre Knorr e Leibniz. No entanto, mesmo após Knorr ter traído a amizade entre eles, ao publicar em 1680 uma tradução alemã da sua *Hypothesis physica nova* (1671) sem a sua permissão²³⁹, Leibniz ainda se referia a ele sem restrições como um homem de grande conhecimento, como sendo “possivelmente o homem mais culto da Europa e uma sumidade no que diz respeito ao conhecimento de assuntos secretos relacionados aos judeus”²⁴⁰.

A questão sobre serem os escritos cabalísticos genuínos [ou não] desempenha um importante papel na discussão ocorrida em 1706/7 a qual provavelmente teria dado a Leibniz o impulso imediato para escrever as suas notas no *Elucidarius cabalisticus* de Wachter. O comerciante suíço Louis Bourguet (1678- 1742), que à época escrevia um artigo sobre a história do alfabeto, e almejava entrevistar o missionário jesuíta Joachim Bouvet (1656-1730) sobre a herança judaica na China, notadamente quanto ao teor de sua carta a Leibniz sobre os caracteres *fohy* [, uma espécie de código binário,] oriundo da China, documento esse que o filósofo havia publicado no periódico *Memoires de Trevoux*, em 1704. Bourguet, que já se correspondia com Jablonski, pregador da corte em Berlim, e um aclamado estudioso do hebraico, pediu-lhe que encaminhasse a carta primeiramente a Leibniz, com o intuito de saber, antecipadamente, o julgamento do filósofo sobre o tema. Jablonski viu-se obrigado [a fazê-lo] e, assim, enviou a carta de Bourguet a Leibniz juntamente com uma lista de perguntas idealizadas por ele sobre os judeus na China. Além da carta e a lista de perguntas, Jablonski enviou também uma carta de sua autoria²⁴¹ a Bouvet. Leibniz também escreveu longos comentários sobre os pontos

²³⁷ Ver *Teodiceia*, Discurso preliminar, § 9, GP VI, 55; Carta de Leibniz para Jablonski (?), 15 de dezembro, 1707, GP III, 546. O rascunho da presente carta, bastante reformulado, está no Niedersächsische Landesbibliothek, LBr 105, B1. 53r-54v.

²³⁸ Carta de Leibniz a Jablonski (?), 15 de dezembro, 1707, GP III, 546; Carta de Leibniz a Bourguet, 3 de janeiro 1714, GP III, 563. Cf. também Carta de Leibniz a von Runckel, 11 de fevereiro de 1707, in Niedersächsische Landesbibliothek, LBr 791, B1. 3r.

²³⁹ *Ein ander vortrefflicher Tractat wider die gemeinen Irrtümer, von der Bewegung natiirlicher Dinge [...]* in die reine Hochteutsche Sprach tibersetzet, mit ungemeinen Anmerkungen erlautert [...] durch Christian Peganium, in Teutsch Rautner genannt, Frankfurt und Leipzig 1680.

²⁴⁰ Carta de Leibniz a Laloubere, 4 de fevereiro de 1692, Niedersächsische Landesbibliothek, LBr 519, B1. 22v: “[...] *peut etre le plus habile homme de l’Europe pour la connoissance des choses les plus cachées des juifs*”.

²⁴¹ Carta de Leibniz a Bouvet, 13 de dezembro de 1707; Niedersächsische Landesbibliothek, LBr. 105, B. 43r. Cf. também Carta de La Crose a Leibniz, 1 de dezembro de 1707, Niedersächsische Staatsbibliothek, LBr 517, B1. 7v.

levantados por Bourguet, os quais ao chegarem às mãos deste foram o ponto de partida de uma série de correspondências entre os dois no ano de 1709.

Assim como Jablonski havia demonstrado um grande interesse quanto à Cabala, tendo já em 1701 solicitado a Leibniz que lhe emprestasse seus manuscritos sobre o tema, documentos que haviam ficado em sua posse após a morte de van Helmont²⁴², também Bourguet [teve o mesmo interesse]. Não tão surpreso, tendo em vista a sua pesquisa histórica, uma das suas preocupações centrais consistia em distinguir quais das doutrinas atribuídas à Cabala eram [de fato] genuínas ou fictícias. Embora tenha reconhecido que muito do que havia encontrado nos escritos cabalísticos eram dados sólidos e consistentes, Bourguet percebera ao mesmo tempo que usando a metafísica como subterfúgio facilitaram uma má interpretação, primeiro e acima de tudo pelo autor da *Ética*²⁴³. De fato, ele deixa isso bem claro na sua carta a Jablonski, de 12 de agosto de 1706, na qual ele escreveu que “esse filósofo maléfico [Spinoza] extraiu as suas doutrinas ímpias não de Descartes, mas da teologia e da Cabala dos Judeus”²⁴⁴. Afirmção similar foi feita em sua carta a Bouvet, visto que Leibniz nos seus comentários sobre esse documento confirma a opinião de Bourguet sobre as origens da filosofia de Spinoza. Nesse contexto, Leibniz faz alusão a Spaeth como um homem que também seguiu o caminho do descrédito tal qual ocorrera a Spinoza, e afirma que isso ficou evidente “na chamada refutação de Spinoza” de Wachter²⁴⁵. Em seguida, Leibniz pontua que foi através da teoria das mônadas, precisamente, que o espinozismo foi derrotado²⁴⁶.

Nos seus comentários sobre a carta de Bourguet a Bouvet, Leibniz levanta a possibilidade de que o uso incorreto da Cabala, no sentido Spinozano, pode ter ocorrido devido à ausência de conceitos filosóficos diferentes na antiga tradição judaica. Segundo ele, geralmente isso decorre da mistura do que é genuíno com o fictício, acepções tais que levaram à criação de um corpo de ensinamentos cabalísticos que, desde os primeiros tempos, estava aberto a diversas interpretações errôneas, como ele tão bem pontuou, “homens semi educados [ou semi ignorantes] que procuram contemplar coisas mais elevadas”²⁴⁷. Como exemplo

²⁴² Carta de Jablonski a Leibniz, 5 de março de 1701, *Leibnitz's Deutsche Schriften*, II, 174.

²⁴³ Carta de Bourguet a Leibniz, 7 de junho de 1709, Niedersächsische Landesbibliothek, LBr 103, Bl. Iv-2r.

²⁴⁴ Carta de Bourguet a Jablonski, 12 de agosto de 1706, Niedersächsische Landesbibliothek, LBr 103, Bl. 91 v-92r: “*Hinc non dubitavi, illum perniciosissimum Philosophum, non ex Cartesio sed ex Theologia et Cabbala Judaeorum impia sua dogmata hausisse*”.

²⁴⁵ Carta de Leibniz a Jablonski (?), 15 de dezembro de 1707, GP III, 545: “*Verissimum est, Spinozam Cabala Hebraeorum esse abusum*”. Cf. também *Teodiceia*, § 372, GP VI, 336-337.

²⁴⁶ Carta de Leibniz a Bourguet, dezembro de 1714, GP III, 575.

²⁴⁷ Carta de Leibniz a Bourguet, 11 de abril de 1710, GP III, 551: “*Idque in primis contingit, cum homines semidocti ad res sublimiores contemplandas admittuntur, frenaque imaginationi suae laxant*”.

moderno desses erros, ele cita o trabalho do [filósofo e místico luterano alemão] Jakob Boehme (1575-1624). Em outro lugar, ele aponta a Cabala como apenas um dos numerosos assuntos sobre os quais os estudiosos contemporâneos se formam sem, entretanto, estarem devidamente treinados [para compreendê-los] e se entregam ao mesmo tempo a apologia de conceitos de conhecimento acroamático [ou seja, indistinguível]:

Entre os teólogos, os ensinamentos irênicos²⁴⁸ devem ser como segredos revelados, assim como os filólogos estudam a Cabala, os advogados os ensinamentos do direito natural, os médicos os ensinamentos químicos, os filósofos, o conhecimento sublime sobre Deus. Mas hoje todas as coisas estão invertidas: Há quem queira trabalhar com álgebra sem compreender Euclides, aqueles que querem pregar a Cabala sem compreender o seu teor sagrado, aqueles que querem disseminar ensinamentos irênicos por meio de livros mal editados [...].²⁴⁹

O destino da antiga Cabala é para Leibniz, em muitos aspectos, semelhante aos ensinamentos dos pitagóricos, algo em vão quando “palavras e superstições vazias” negligenciaram sua verdadeira fonte de ensinamentos. A respeito disso, também há uma leve semelhança com o que ocorrera com a língua adâmica, que era tradicionalmente considerada como a origem da verdade e da paz: a língua perfeita antes da maldição no episódio da Torre de Babel que necessariamente evitava o conflito por garantir a univocidade de significação. Na verdade, enquanto algumas pessoas – em particular teólogos – viam o hebraico como descendente da língua original, outras assimilaram que a língua adâmica podia ser descoberta através do estudo da Cabala.

Precisamente por tais razões, Leibniz, no contexto do seu trabalho sobre a criação da uma língua exata ou uma escrita genuinamente filosófica, “em que os conceitos são reduzidos a um tipo de alfabeto do pensamento humano”, no qual tudo pode ser descoberto [ou tudo resulta] a partir do que é dado através de uma espécie de cálculo – da mesma forma como os problemas aritméticos ou geométricos podem ser resolvidos – muitas vezes fala de uma tal

²⁴⁸ Termo cunhado no período pós Reforma Protestante, tratava-se de uma nova forma de refletir sobre os diferentes e conflitantes pensamentos dos luteranos, reformistas e católicos, propondo o diálogo, a paz e a harmonia como forma pacífica de solucionar conflitos. Os irênicos buscavam refletir sobre os fundamentos e os preceitos do cristianismo primitivo, bem como provocar reflexões sobre as diferenças, propondo a igualdade e a fraternidade entre as pessoas em busca do bem comum a todos. O termo irênico foi citado pela primeira vez na obra *Eirenicum*, do teólogo Franz Junius, o Velho, em 1593 (NT).

²⁴⁹ Carta de Leibniz a von der Hardt, 19 de outubro de 1707, Niedersächsische Landesbibliothek, LBr 366, Bl. 320v-321r: “*Apud Theologos inter arcana Acroamatica esse deberit doctrina irenica; apud philologos Cabala; apud jurisconsultos doctrina juris naturae; apud medicos chymia; apud Philosophos sublimia de deo scientia. Sed hodie invertuntur omnia: Algebra tractare volunt, qui non intelligunt Euclidem; Caballam tractant qui textum sacrum non intelligunt, irenica prestittuuntur libris inconsulte editis; tirones qui non didicerunt leges receptas, volunt ad scientiam Nomotheticam provocare, et de jure naturae emendatione legum disputare; Chymia per empiricos male accipitur [...]*”. [A tradução procurou seguir a versão em inglês. (NT).]

língua como sendo uma “verdadeira Cabala de palavras místicas” ou uma “aritmética pitagórica dos números”²⁵⁰.

Essa “verdadeira Cabala” ou “Cabala dos sábios”²⁵¹ que expressaria os *arcana rerum*²⁵² ou os segredos da natureza está profundamente enraizada na metafísica de Leibniz. Assim, em sua opinião não há nada que não se submeta a ser compreendido numericamente, conceito que ele considera como sendo parte incondicionalmente verdadeira da antiga tese segundo a qual “Deus criou todas as coisas de acordo com peso, medida e número” (*Deum omnia pondere, mensura, numero fecisse*)²⁵³. Desde a publicação de a *Dissertatio de arte combinatoria* (1665), na qual se atribui um papel chave ao conceito de relação na aplicação da combinatória para a compreensão da natureza, e com exceção do período geométrico do *Theoria motus abstracti*, a sua posição foi consistentemente a de que o número é uma espécie de figura metafísica (*quasi figura metaphysica*) e que a aritmética representa uma espécie de estática do universo (*quaedam statica universi*). Com efeito, a prática aritmológica [ou que se vale da aritmética] da Gematria²⁵⁴, tão querida dos intérpretes populares da Cabala, encontra aqui a sua mais verdadeira expressão.

É contra o pano de fundo da própria interpretação de Wachter sobre a Cabala e da relação histórica de Spinoza com ela, que devemos compreender as notas de Leibniz sobre o *Elucidarius cabalisticus*. O filósofo de Hanover não pretende refutar Spinoza, como sugere o tendencioso título [*Réfutation inédite de Spinoza par Leibniz*] de Foucher de Careil [publicado em 1854]. Ao invés disso, ele aborda as alegações feitas por Wachter sobre questões como a origem da Cabala (capítulo um)²⁵⁵, a sua difusão (capítulo dois), os seus principais ensinamentos (capítulo três) e, acima de tudo, sobre o que há de comum entre a Cabala e a filosofia de Spinoza (capítulo quatro). Não tão surpreendentemente, este último tópico é o que

²⁵⁰ *De arte characteristic ad perficiendas scientias ratione nitentes*, A VI, 4, 911: “*Si daretur vel lingua quaedam exacta (qualem quidam Adamicam vocant) vel saltem genus scripturae vere philosophicae, qua notiones revocarentur ad alphabetum quoddam cogitationum humanarum, omnia quae ex datis ratione assequi licet, inveniri possent, quodam genere calculi, perinde ac resolvuntur problemata Arithmeticae aut Geometriae. Atque ea vera foret sive Cabbala vocabulorum mysticorum, sive Arithmetica numerorum Pythagoricorum, sive Characteristica a Magorum hoc est Sapientium.*” Para mais exemplos cf. *De organo sive arte magna cogitandi*, A VI, 4, 156; *Guilielmi Pacidii plus ultra*, A VI, 4, 675.

²⁵¹ *Introductio ad encyclopaediam arcanam*, A VI, 4, 527.

²⁵² “O mistério [no sentido de arcano] das coisas”, a expressão latina pode ser compreendida como algo que é secreto, hermético, enigmático, esotérico, místico (NT).

²⁵³ *De numeris characteristicis ad linguam universalem*, A VI, 4, 263-264. [Trata-se de uma referência ao *Livro da Sabedoria* 11, 21 (NT)]

²⁵⁴ Método hermenêutico de análise de palavras hebraicas de fonte bíblica no qual atribui-se um valor numérico a cada letra (NT).

²⁵⁵ A partir daqui temos a divisão dos cerca de 44 parágrafos da *Réfutation inédite de Spinoza par Leibniz* defendida por Beeley (NT).

mais atrai a atenção de Leibniz. Com efeito, ele não cita diretamente o autor de *Ética*, mas faz isso através de Wachter. Portanto, os comentários de Leibniz sobre a filosofia de Spinoza, que são amplamente conhecidos a partir de outros escritos seus²⁵⁶, são, de fato, de importância menor, como Friedmann²⁵⁷ já havia corretamente sugerido²⁵⁸. As observações leibnizianas sobre o estudo da Cabala são de imenso valor, sendo talvez o seu trabalho mais detalhado sobre um tema que, evidentemente, manteve seu interesse desde a sua juventude.

Esta nova edição das notas de Leibniz sobre o *Elucidarius cabalisticus* de Wachter foi preparada tendo duas considerações em mente. Em primeiro lugar, considerando que, apesar da importância que o texto teve para a bolsa de estudos de Leibniz, raramente há referências a ele, principalmente devido à raridade da edição de Foucher de Careil. Em segundo lugar, considerando que, apesar de todo o crédito que cabe a Foucher de Careil por disponibilizar esse texto em primeira mão, a sua transcrição, infelizmente, contém graves erros, como já havia apontado Grua²⁵⁹. Falhas que, não raramente, dão às palavras de Leibniz um sentido diferente daqueles que ele pretendia originalmente.

O trabalho editorial foi realizado utilizando-se o programa TUSTEP que desde os anos 1970, principalmente através dos esforços de Heinrich Schepers, tem sido aplicado no *Leibniz-Forschungsstelle*, em Münster, na produção de séries filosóficas (Ser. II e Ser. VI) da edição crítica de texto *Sämtliche Schriften und Briefe*, de Leibniz, e que agora também é utilizada na produção da edição de *Os escritos políticos de Leibniz* (Ser. IV) atualmente em curso na Editionsstelle, em Potsdam. Os princípios editoriais que têm sido aplicados são, em sua maioria, os mesmos utilizados na edição das séries filosóficas.

Gostaria de agradecer aos meus colegas em Münster pelo apoio dado durante a preparação desta edição. Um agradecimento especial à Henna Kliege-Biller por me ajudar a programar o TUSTEP para este trabalho, e a Gerhard Biller, pela sua generosa contribuição na transcrição de algumas linhas quase ilegíveis do texto. A responsabilidade por quaisquer erros que possam ter restado é, todavia, exclusivamente minha. Agradecimentos adicionais ao diretor do Leibniz-Forschungsstelle, Martin Schneider, por ter gentilmente permitido que a edição assumisse este formato. Finalmente, gostaria de agradecer ao diretor da Niedersächsische

²⁵⁶ Cf., por exemplo, os textos contidos em V. Morfino (ed.), *Spinoza contra Leibniz. Documenti di uno scontro intellettuale* (1676-1678), Milan 1994. Cf. também L. Stein, *Leibniz und Spinoza*, Berlin 1890, pp. 281-362.

²⁵⁷ Referência a Georges Philippe Friedmann (1902-1977), filósofo, sociólogo e escritor francês, estudioso de Leibniz e Spinoza; logo abaixo teremos a referência a Gaston Grua (1903-1955), filósofo francês, jurista, escritor e também estudioso da obra de Leibniz (NT)

²⁵⁸ G. Friedmann, *Leibniz et Spinoza*, Paris 1946, pp. 140-141.

²⁵⁹ *Textes inédits*, pp. 556-557.

Landesbibliothek Hannover por generosamente ter permitido que eu acessasse o conteúdo do manuscrito LH IV 3 3D, Bl. 1-3 para ser publicado.

Leibniz-Forschungsstelle
Westfälische Wilhelms-Universität Münster
Rothenburg 32
48143 Münster
beeley@uni-muenster.de